

## **EXCERTO DE**

### **LUSCO-FUSCO, breviário dos mundos elementares**

Esta história não se pode chamar história.

É uma descrição de pessoas e seres, de lugares e de situações que não existem, nunca existiram.

Quero, apenas, entreter-vos numa qualquer altura da vossa vida. Fazer com que as sombras e os desenhos que nos aparecem por detrás das pálpebras ganhem um significado; fazer com que aquelas manchas de luz, normalmente duma intensa cor branca, aproximando-se e afastando-se e desfazendo-se, sempre por detrás das nossas pálpebras quando fechamos os olhos num belo dia de sol, adquiram algum significado.

Nada mais.

Nada do que aqui se conta, aconteceu.

As descrições mais ou menos humanas e antropomórficas das personagens pertencem a um imaginário colectivo que se perde no tempo e as entidades a que me refiro sempre foram vistas e apreciadas do mesmo modo: as fadas como sendo criaturinhas minúsculas e ariscas providas de asas; as sereias às metades: tronco de mulher e da cintura para baixo, um rabo de peixe; os gnomos, pequeníssimos seres semelhantes a homens e a mulheres mas com orelhas pontiagudas e por fim as salamandras, as misteriosas salamandras de quem nunca ninguém se atreveu a fazer grandes descrições.

Todos nós os conhecemos desde que nascemos pois as suas histórias têm vindo a ser contadas por tempos e tempos infinitamente antigos. Todos nós sabemos dos Quatro Elementos. E também todos nós sabemos dos Quatro Reinos.

Não vou contar-vos, pois, nada de novo.

Gostaria que, se pudessem dedicar a este livro algum do vosso tempo, aqui mergulhassem livres e sem preconceito algum pois só assim a história será entendida.

Escrevi-a no ano de 2010, entre Abril e Agosto e dedico-a à humanidade em geral e em particular às pessoas portuguesas, ao país Portugal onde nasci e onde vivo por escolha própria.

(...) Há Fadas por todo o lado do planeta. Aqui nesta mancha de terra onde vivemos, nós, este povo incrédulo e que se julga muito sabedor, não tem a sorte de as ver. Se fôssemos

menos sabedores talvez conseguíssemos ver as Fadas Portuguesas, mas como elas são criaturas nervosas e desconfiadas, não gostam de se deixar avistar. Só muito raramente, em condições muito especiais e a pessoas também muito especiais. Contudo elas estão aos milhares, aos milhões, escondidas, esvoaçando como fazem as mais transparentes libélulas nas margens de um dos mais belos rios deste planeta, o rio Zêzere.

Sim! Tem um nome difícil de pronunciar – Zêzere. Quase tão difícil como o vale de Hardangervidda, a tal região na Noruega perto dos Fiordes.

Este rio, de alguma forma, tem algo semelhante aos fiordes da Noruega porque também ele define um vale glacial, o maior e mais antigo vale glacial da grande mancha de terra onde estamos e que se chama Europa.

Vou explicar:

As Fadas são tantas, tantas, que nunca ninguém as conseguiu contar. Existem em número ilimitado e depois, como nunca morrem, polvilham todo o planeta Terra e os céus que o envolvem e muito, muito mais para além do que é o nosso conhecimento. Elas existem para além da camada azul muito espessa que compõe a nossa atmosfera, elevam-se para além de todas as nuvens, esvoaçam por cima e por entre tudo o que é visível aos nossos olhos. São incontáveis!

Reproduzem-se não se sabe como.

Uma coisa é certa, nascem como todos nós nascemos. Não aparecem, simplesmente! Não! Uma fada nasce doutra fada que, por sua vez, esteve em contacto com outra fada. E esse contacto pode ser uma grande proximidade, um olhar, um ouvir, um beijar, um sentir, um tocar, mas também pode ser um encontro distante em que elas nem sequer se tocam. O seu pensamento é tão completo, tão verdadeiro que basta pensarem umas nas outras, mas pensar intensamente, mesmo à distância, e isso basta para se reproduzirem. Quando isso acontece, quando chega a altura da reprodução, as fadas apresentam uma luz especial que as envolve, uma luz branca muito fina, muito transparente como se de um grande véu se tratasse e, geralmente, escondem-se. Vêm-se ao entardecer a subir pelos céus, a subir, a subir e ultrapassando a grande capa azul escura da atmosfera sobem mais um pouco, mais e mais e mais até alcançar uma outra parte do céu, mais fina, mais líquida, mais poeiras, mais encantos, mais segredos e aí escolhem um farrapo de nuvem e nele se sentam para descansar.

As Fadas não vivem. Existem.

(...)Os Silfos

São uns seres também bastante pequenos, um pouco maiores que as fadas. E são gordos, quase todos! Também são bonitos. O cabelo curto e encaracolado é de tom amarelado mas de uma amarelo que brilha como brilha o ouro à luz do sol. Usam uns barretinhos que podem ser de várias cores e os seus caracóis espreitam para a testa e enfeitam-lhes os lóbulos superiores das orelhas. Quase sempre vestem uma roupa finíssima, transparente que lhes permite movimentos leves e ágeis. Alguns tocam uma flauta. Quando estão sossegados vivem nas nuvens e também dormem nas nuvens. Aliás, é com as nuvens que os Silfos se entretêm – moldam-nas, desfazem-nas para lhes voltar a dar qualquer forma ao seu gosto.

Muitas vezes, quando estamos deitados numa praia ou num campo em contemplação do céu e esse céu tem nuvens, quantas vezes ficamos a olhar para as formas que elas têm? Umam parecem caras, outras parecem cavalos, outras parecem árvores, outras parecem objectos que conhecemos bem, outras parecem pessoas. Não é?

Pois são os Silfos que lhes dão as formas. Passam dias inteiros nessa brincadeira, estica daqui, repuxa dali, retoca aqui, desenha ali. E o que eles gostam disso!

E quem já não viu nas noites de lua cheia, estradas de nuvens a correr, a deslizar velozmente mesmo à frente dessa lua? São eles a viajar. Arranjam uma data de fios e farrapos de nuvem, compõem uma estrada e assim viajam comodamente deitados ou mesmo de pé distâncias inimagináveis, distâncias que não se podem medir aqui da terra. Eles vão visitar outros sóis, outros corpos celestes, outros locais de vida, outros espaços do firmamento.

Contudo, estas criaturas de aparência delicada, são tão poderosas como todas as outras. Debaixo desse seu arzinho airoso, gracioso, ágil e brincalhão esconde-se um génio assombroso, um génio irritadiço porque à menor contrariedade os silfos começam a inchar, a inchar, a ficar vermelhos e roxos e de outros tons assim coléricos, semicerram os olhos já de si pequeninos e oblíquos e quando estão prestes a rebentar de fúria sentimos o chão a tremer, a chuva a cair, o vento a soprar...

Assisti, um dia, ao que estes senhores do vento fizeram a uma cidade.

Vou contar-vos tudo.

(...) Gnomos

Pequenas criaturas tímidas, podendo ter aparência masculina ou feminina. Nunca se deixam ver. Não são como as Fadas ou como os Silfos que, mesmo sem serem vistos, podem ser sentidos ou porque nos tocam ao de leve, ou nos maçam com tantas piruetas invisíveis mas que acabam por transtornar o nosso percurso. Os Gnomos são subterrâneos, escondem-se em tocas e buracos por debaixo das grandes moitas de silvados, de velhos troncos de árvore, enroscam-se nas heras antigas dos muros, alguns gostam de visitar fontes e nascentes de água e aí brincam a nadar e a mergulhar mas isto sempre ao romper da madrugada, quando não existem seres humanos daqueles altos e estranhos por ali.

Os Gnomos, de dia nunca são vistos a não ser em raríssimas ocasiões e sempre em locais afastados, húmidos e sombrios.

São todos gordos, tanto os masculinos como os femininos. Não têm doenças nem falta de vista.

Andam vestidos de uma maneira engraçada! Eles e elas!

Não têm pelos no corpo, são intriguistas e malévolos.

Já uma vez sacudi um de dentro de um dos meus sapatos.

Escondeu-se ali e incomodou-me durante muito tempo.

E eu a julgar que era uma pedrita...

(...) Devo dizer agora que o que as sereias dizem ninguém compreende, a não ser algumas entidades que existem aqui na Terra, podendo ser humanos ou animais. Podemos ouvir as suas vozes com nitidez mas não se pode compreender as suas frases e muito menos o seu pensamento. Elas não se dão a conhecer com essa facilidade. Se alguém tiver algum dia a sorte, a fortuna de as avistar e de as conhecer, de ouvir a suas vozes, pode acreditar que a sua vida nunca mais será a mesma, do mesmo modo que se alguém um dia vir um eclipse do sol ou da lua ou doutro astro qualquer ou vir uma chuva de estrelas ou o rasto colorido dum cometa ou reconhecer a Via Láctea ou admirar o desenho fantasmagórico duma Aurora Boreal no seu caminho nocturno, pode crer que a sua vida nunca, mas nunca mais será a mesma; do mesmo modo que se alguém algum dia encontrar certos cogumelos daqueles que se transformam em homens pequeninos e acastanhados e que nós sabemos que é assim, sim, é verdade que há cogumelos que se transformam em homens pequeninos e acastanhados!, também a sua vida nunca mais será a mesma e também a vida dos homens neste planeta nunca mais será a mesma se

não acreditarem em tudo o que lêem nesta história porque, realmente, tudo é verdade!  
A Natureza é muito misteriosa, nunca nos revela tudo o que sabe; há sempre surpresas das boas e das más. Tudo o que é incompreensível causa-nos impressão e estranheza mas é ela, a Natureza, a nossa grande Mãe. Foi dela que todos nascemos.

(...) DO FOGO

I

Nas nossas deambulações por esta terra, chegámos ao derradeiro encontro. Não se pode dizer que seja o mais perigoso, mas é o mais estranho. Porque enquanto andámos agitados pelo vento do ar, sacudidos no tremer das entranhas da terra ou mergulhados no profundo da água do mar, fomos sempre encontrando criaturas parecidas connosco, mais ou menos parecidas, com as quais falámos e até constituímos sentimentos recíprocos como a amizade, por exemplo.

Agora, salamandras?

Como é que vamos falar com elas? Como é que nos vamos entender? O que é que nos irão mostrar? Avisar? Ensinar?

Elas são as donas e senhoras do fogo, dos vulcões, de tudo o que arde e queima na terra. Onde houver uma labareda há uma salamandra, onde houver uma salamandra há fogo.

Mesmo assim, propusemo-nos conhecê-las. Para isso, fomos a outra terra muito mais distante, voámos e caminhámos séculos e séculos até que chegámos a um local inexplorado, uma imensa planície. No seu horizonte, ali bem perto, uma montanha e nessa montanha, mistério.

Boca, grito, chama e pedra.

Era um vulcão.

CÂNTICO FINAL

Na noite deste dia fui tentar dormir na minha cama, neste sítio que escolhi para morar. Tive um dia muito, muito agitado, muito estranho, diferente de todos os outros dias da minha vida e como a minha vida é eterna, imagino que ainda tenha de passar muitas e variadas situações como esta ou mais perigosas e confusas do que esta.

Resumindo este meu dia:

o conhecimento de Rocka e a sua aproximação, proporcionou-me a paixão e a amizade como prolongamento duma serena tarde de Verão.

A paixão surgiu-me aos poucos, apercebi-me dela ao olhar as nervuras duma folha que ela um dia segurou por entre os dedos. Coisa simples!

A sua amizade percebi-a no decorrer deste dia, com a aproximação da penumbra que a noite traz.

Conheci gente que nunca pensei conhecer.

Conheci os males da Terra, sítio onde me propus viver.

Voei no ar, mergulhei no mar, desequilibrei-me na terra, fervei no vulcão.

Fiz uma longa viagem.

Hoje de madrugada, ainda o dia era uma apenas uma pálida luz acinzentada, ainda esta terra não tinha começado a vibrar, Rocka levantou um voo rápido, subiu aos céus e desapareceu no meio dalgumas estrelas ainda visíveis.

Realmente, já não a vejo há uns milhões de anos mas ela prometeu voltar. Eu sei que volta.

Espero encontrá-la quando estiver para adormecer, quando estiver deitado na minha velha cama, neste meu quatinho que tem a tal clarabóia por onde eu posso avistar o firmamento e sonhar.

Que era como eu fazia quando era pequenino. (...)